

Na universidade, o **vinil** vira encontro

Na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, os discos deixaram de ser apenas parte do acervo para se transformar em ponto de encontro. A BCE reúne aproximadamente 3 mil discos, coleção que deu origem ao Clube do Vinil BCE/UnB. O bibliotecário Marcelo Scarabuci criou o projeto a partir da experiência de outros clubes mantidos pela biblioteca, como o cineclube e o clube de leitura.

O formato combina apresentações, conversas e audições. Na maior parte dos encontros, estudantes escolhem um disco que tem significado para eles, para amigos ou familiares e contam a história daquele trabalho. Já houve apresentações feitas por pais e filhos, além de encontros com artistas, como Odair José. A atividade começou de forma quinzenal e passou a ser semanal conforme a participação aumentou.

Durante o semestre letivo, os encontros ocorrem às quintas-feiras, ao meio-dia, e a comunidade pode participar como ouvinte ou apresentadora. O projeto também realiza atividades em outros horários, quando necessário, e já recebeu um público suficiente para lotar o auditório da universidade em uma apresentação. A proposta é que o clube não seja restrito aos colecionadores, mas funcione como espaço de convivência em torno da música.

Scarabuci coleciona discos desde os 13/14 anos, quando o vinil estava em decadência e era barato, enquanto os CDs tinham preço mais alto. Parte do acervo veio de familiares e amigos que se desfaziam de coleções. Quando o formato voltou a ganhar valor, ele já havia construído uma coleção extensa, com discos autografados, dedicatórias e exemplares que pertenceram aos pais. "Então, tem essa relação afetiva, né?", resume.



Clube do vinil da BCE

Fotos: Arquivo pessoal



Lya Marte, estudante e integrante do Clube de vinil da BCE



Marcelo Scarabuci com o primeiro LP do Caymmi, em 10 polegadas de 1954



Elvys Barros, grqduando em filosofia que frequenta o Clube de vinil da BCE

CLUBES DE VINIL

- Clube do Vinil BCE/UnB
- Clube do Vinil Estilo
- Clube do Vinil
- NOIZE Record Club
- Três Selos Rocinante
- Vinil Box

O acervo pessoal também funciona como apoio ao clube. Quando a biblioteca não tem o disco escolhido por um estudante, Scarabuci procura em sua própria coleção ou nas lojas da cidade. Assim, o material acumulado ao longo de décadas passa a alimentar novas experiências de escuta e permite que discos diferentes encontrem ouvintes que talvez nunca tivessem contato com eles.

A experiência do clube também aparece nas histórias de quem chegou ao vinil já cercado por celulares e

plataformas digitais. Lya Marte, 24, estudante e cantora, teve contato com o universo da música desde cedo porque o pai era radialista e mantinha um gramofone na rádio. Quando criança, ela pensava que o aparelho era apenas um objeto de decoração. Mais tarde, descobriu discos que haviam pertencido à mãe e começou a coleção com títulos de Xuxa, New Kids on the Block, coletâneas infantis e trilhas de novelas.

Depois, comprou uma vitrola e passou a ouvir os discos em casa. Para Lya, uma das diferenças está justamente na possibilidade de retirar o celular da experiência. "É mais ouvir a música pela música mesmo, ouvir o disco inteiro", afirma. A escolha representa, para ela, uma espécie de "detox digital", em que o aparelho utilizado para ouvir música não oferece outras notificações ou estímulos simultaneamente.

No Clube do Vinil, Lya apresentou *Proibido*, de Rita Lee, e levou aos colegas curiosidades e histórias de bastidores. O encontro também revelou outra característica do projeto: a possibilidade de compartilhar informações e descobrir detalhes que não estavam na pesquisa de quem